

RETROSPECTIVA

A DIALETICA DA GENESE E DO EMPRESTIMO NA CONSTITUICAO DA PSICOLINGUISTICA

Eleonora Albano da Motta MAIA (Universidade Estadual
de Campinas)

ABSTRACT: This paper attempts to demonstrate that, in spite of its prestige as an independent academic field, psycholinguistics is still struggling for epistemological autonomy from linguistics and psychology. The reason is that all current questions in the field spring from two opposing tendencies that have played alternating roles in its historical development. One is to borrow theory and method from both linguistics and psychology. The other is to put a premium on genetic issues and thereby attempt to reconstruct the field anew. It is argued that recognition of the dialectical nature of the relationship between these two tendencies would clarify important epistemological issues and thus contribute to the advancement of the field.

Uma inspeção crítica, ainda que não minuciosa, da literatura psicolinguística das três últimas décadas chama atenção para dois temas. O primeiro - doravante, tema do empréstimo - é a recorrência com que modelos de análise da língua são adotados na íntegra ou adaptados para incorporação ao modelo do usuário, modelo esse em que residiria a especificidade da investigação psicolinguística em oposição à investigação linguística. O segundo - doravante, tema da gênese - é a insistência com que questões relativas à aquisição da linguagem surgem mesmo quando não constituem o objeto principal de preocupação. Ilustrativa do primeiro tema é a controvérsia sobre a existência ou não de ordenação ontogenética entre os componentes sintático, semântico

e pragmático da gramática, tal como aparece nos trabalhos de Shatz (1981, 1982), Maratsos (1982) e Wexler (1982) - para citar nomes representativos da ênfase na Sintaxe - e de Bowerman (1973, 1978), Bruner (1975, 1977) e Bates & Mc Whinney (1979, 1982) - para citar nomes representativos da ênfase na Semântica e na Pragmática. Ilustrativa do segundo tema é a preocupação de Fodor (1975) - autor da teoria mais explícita até agora proposta sobre as relações entre linguagem e cognição - em justificar as suas posições com base em argumentos sobre aprendibilidade.

O objetivo deste trabalho é defender a tese de que esses dois temas, embora aparentemente desconexos, têm desempenhado papéis complementares e convergentes na constituição da Psicolinguística como interdisciplina autônoma. A estreita - ainda que contraditória - relação entre eles justifica-se não só em termos históricos - isto é, em relação ao contexto científico - ideológico que propiciou o aparecimento do campo - como também em termos epistemológicos - isto é, em relação à articulação interna das próprias questões sobre as quais o campo se assenta.

Antes de passar à discussão das relações entre os dois temas, faz-se necessário justificar a pressuposição, contida no parágrafo acima, de que a Psicolinguística está em vias de se constituir como interdisciplina autônoma. De fato, uma tal pressuposição só se justifica na medida em que se puder demonstrar que, pelo menos em princípio, o objeto da Psicolinguística tem características não partilhadas pelos objetos respectivos da Linguística e da Psicologia. A primeira parte da questão é relativamente simples: toda a investigação linguística deste século contribuiu para sustentar a idéia de que é possível conceber a língua como um sistema abstrato independente do usuário. Assim, é no propósito de modelar este último que reside a especificidade da tarefa Psicolinguística, em oposição à da Linguística. Mas, na medida em que o usuário é um indivíduo que exhibe múltiplas formas de comportamento, den

tre as quais se inclui a linguagem, não seria aquela tarefa absorvida pela da Psicologia ?

O psicolinguísta tem pelo menos duas razões para acreditar que não. A primeira é que, enquanto ciência geral do comportamento, a Psicologia deve concentrar-se em fenômenos comportamentais comuns às várias espécies animais e, nesse sentido, a linguagem fica excluída da sua esfera de preocupação imediata. É verdade que a visão cartesiana de uma razão e de uma linguagem compostas de traços exclusivamente humanos vem aos poucos sucumbindo aos ataques da Psicologia Animal (Köhler (1927), Wolfe (1936) e da Etologia (Van Lawick-Goodall (1971)). Contudo, é verdade também que os macacos loquazes dos laboratórios norte-americanos (Gardner & Gardner (1971), Premack & Premack (1972), Fouts (1973)) não se comparam às crianças humanas na disponibilidade para se engajar com um membro mais velho da espécie no jogo da descoberta da linguagem. Como assinalam Rumbaugh & Gill (1976), as conversas do macaco cessam assim que ele obtém o que quer. Já a criança humana, mesmo antes de emitir as primeiras palavras, lança mão de tudo que pode - muitas vezes de maneira ousada e surpreendente - para auxiliar o adulto na manutenção e na renovação do fluxo do diálogo (Bullowa (1979), Ochs & Schieffelin (1979)).

A outra razão é que, mesmo se entendida como ciência do comportamento humano, a Psicologia deve concentrar-se nos mecanismos comuns às várias formas desse comportamento, e há indícios de que a linguagem natural - isto é, aquela que se manifesta sob a forma das diferentes línguas do mundo, inclusive as línguas manuais das comunidades surdas¹ - é um comportamento muito peculiar. Essa questão está hoje obscurecida na medida em que a crença infundada de que tal singularidade residiria na simbolização foi derrubada pelos achados das várias ciências humanas acerca do caráter simbólico de outras formas de comportamento. Se, entretanto, a simbolização contribui para a especificidade da linguagem natural, não é simplesmente por manifestar -

se nela, mas por fazê-lo de forma perturbadoramente flexível. O que se entende aqui por flexibilidade é justamente a capacidade de variar certos parâmetros que, em outros sistemas semiológicos, têm valores mais ou menos fixos.

Um exemplo é o parâmetro clareza. Não há dúvida de que se podem veicular mensagens muito precisas em linguagem natural, contanto que se explicitem as condições desse uso especial: é o que fazemos quando discutimos problemas matemáticos em prosa, ou quando adotamos parte do léxico e da gramática de uma língua natural numa linguagem de programação. Por outro lado, não há dúvida também de que a linguagem natural pode ser tão vaga e polissêmica quanto qualquer outro tipo de expressão artística: as várias formas de literatura estão aí para atestá-lo.

Argumentos semelhantes podem ser construídos em torno de parâmetros tais como iconicidade (comparar, por exemplo, a onomatopéia com o léxico normal), transparência das relações intra-sistêmicas (comparar, por exemplo, a transparência da morfologia derivacional do português à opacidade da sua morfologia flexional), continuidade (comparar, por exemplo, a continuidade dos parâmetros fonéticos com a descontinuidade dos parâmetros fonológicos), dependência da situação (comparar, por exemplo, a relativa independência dos sistemas nominais com a dependência dos sistemas pronominais). Embora muito se pudesse ainda dizer sobre esse tema, o ponto que se quer salientar aqui é que, na linguagem natural, é sempre possível encontrar um uso que se distinga radicalmente de outro em termos de uma dada dimensão definível no contexto de uma descrição semiológica mais ampla.

Além disso, a linguagem natural desenvolve espontaneamente uma relação dúplice com certos mecanismos de conhecimento: ao mesmo tempo que é em si mesma um procedimento taxonômico (classificamos objetos, ações, eventos etc. através de palavras) o seu uso supõe, por sua vez, uma taxonomia interna (implicitamente classi-

ficamos sons, palavras, orações, etc. ao usá-los propriamente). Todos os demais sistemas semiológicos que partilham dessa duplicidade (por exemplo, os cálculos lógicos e numéricos), além de trabalharem com um espectro menor de categorias, geralmente penetram a vida do indivíduo pela via da instrução formal.

Diante de tanta complexidade e especificidade, é sensato encarar o estudo do comportamento lingüístico humano como um campo de investigação à parte. Abordá-lo pelo ângulo da investigação geral do comportamento, aliás, já foi tentado, sem sucesso, pela Psicologia behaviorista (v. abaixo). Assim, a Psicolingüística se caracterizaria por investigar não só *como* mas também *para quê* o usuário enquanto indivíduo utiliza a linguagem. Note-se que, diferentemente do que ocorre em outros domínios do comportamento, as questões do *como* e do *para quê* estão, aqui, indissociavelmente ligadas.

Pois é justamente pela relação necessária que essas duas questões, tão próprias da Psicolingüística, mantêm com uma outra, não privativa dela, que se pode explicar a recorrência dos temas da gênese e do empréstimo ao longo da curta história dessa disciplina. A terceira questão não é senão aquela partilhada por todas as disciplinas que se ocupam da linguagem, ou seja, a indagação mesma sobre o que a linguagem é. Obviamente, uma tomada de posição relativa a essa questão é um pré-requisito para qualquer investigação séria das duas outras. É precisamente o compromisso que o psicolingüista tem com ela que vai determinar a sua preferência pelo tema da gênese ou pelo tema do empréstimo. Se esse compromisso se avoluma a ponto de se tornar o centro das suas preocupações, ele se voltará para a Lingüística tão ansiosamente que acabará recorrendo aos modelos sincrônicos dessa disciplina até para resolver problemas genéticos (e.g., Mc Neill (1970), Brown (1973)). Se, por outro lado, tal compromisso resume-se ao de adotar pressupostos gerais acerca da natureza da linguagem, ele tentará suprir a falta de uma resposta mais específica àquela questão buscando encontrá-la

-la na investigação mesma da gênese da linguagem.

Escolher um ou outro caminho não é, entretanto, uma questão de inclinação pessoal. Há fatores históricos, internos e externos à problemática do campo, que contribuem para afetar as decisões pessoais do investigador. A Psicolinguística nasceu num clima empirista que favorecia a questão da gênese, inserindo-a no quadro geral da preocupação behaviorista com a aprendizagem (V., e.g., Saporta (1961)). A esse momento sucedeu-se um outro em que o golpe dado por Chomsky (1959, 1968) ao modelo associacionista da aprendizagem favoreceu a crença de que o cerne da linguagem seria por demais complexo para ser aprendido. Nada mais natural, num momento desses, que procurar na gênese indícios da eclosão abrupta e, portanto, interpretável como maturacional - de sistemas estáticos tais como os que a Linguística postulava para a linguagem adulta³. Só a falência paulatina desse procedimento possibilitou o advento de um terceiro momento - o atual - em que, após frustradas tentativas de substituir os empréstimos da Linguística pelos da Psicologia⁴, o psicolinguista é forçado a renovar a sua esperança na gênese, recuando o foco da investigação para antes mesmo da emergência da linguagem.

A história externa desse movimento de idéias insere-se no quadro da evolução da universidade norte-americana como sede internacional da produção acadêmica na área das ciências da linguagem. O surgimento oficial da Psicolinguística, em 1951, correspondeu ao momento em que a interdisciplinaridade era, ao mesmo tempo, estímulo e pretexto para a expansão maciça dos quadros departamentais de universidades recém-criadas ou recém-reformadas. A sua vinculação com a Linguística, a partir de 1960, correspondeu ao momento em que a proliferação de teorias justificava e alimentava um crescimento desordenado de programas de pós-graduação e de pesquisa nesta e noutras áreas interdisciplinares ainda não saturadas populacionalmente. O desencanto e a autocrítica de hoje correspondem à consumação já pre-

vista dessa saturação e ao conseqüente estrangulamento do mercado de trabalho e das fontes de financiamento à pesquisa.

É claro que seria simplista explicar o percurso de qualquer disciplina em termos das contingências político-econômicas que cercaram o seu crescimento. O objetivo desta breve e insatisfatória excursão nesse domínio é sugerir que a orientação atual da Psicolinguística - isto é, a sua tendência a rever as suas bases - é propiciada tanto por fatores externos como por fatores internos às preocupações do campo. Trata-se, na verdade, de um momento muito especial, em que tudo parece concorrer para a iminência de novas mudanças. Uma última contingência externa que merece ser assinalada a esse respeito é o crescente interesse que a Psicolinguística tem despertado fora do círculo anglo-americano: à medida que ela ganha adeptos nos centros tradicionais da Europa continental e em núcleos novos do oriente e do terceiro mundo, uma maior diversidade ideológica vai-se inoculando no seu âmbito.

Curiosamente, essa Psicolinguística cosmopolita e debruçada sobre si mesma ainda está às voltas, nos dias de hoje, com os temas do empréstimo e da gênese. Progresso houve, sim, mas ele reside no fato de a contradição entre eles estar hoje muito mais próxima de resolver-se. É que a ponte que poderá uni-los surgiu, finalmente, do interesse sempre renovado dessa disciplina pelos processos em oposição aos produtos linguísticos: na medida em que todo processo psicológico tem uma dimensão temporal intrínseca, passou-se, ainda que tardiamente, a levar a sério a possibilidade de se usar o tempo como parâmetro de descrição do comportamento linguístico.

Na verdade, a mudança está não na consideração do tempo, mas na maneira de tratá-lo. As questões do *como* e do *para quê* da linguagem possuem uma dimensão temporal que, embora sempre reconhecida, nem sempre foi adequadamente tratada pelos psicolinguistas. A confusão no tratamento desse problema foi, sem dúvida, facilita

da pelo fato de a maioria dos modelos lingüísticos contemporâneos ter um caráter processual. São que os processos lingüísticos *strictu sensu* são em geral conceptualizados espacialmente, o que está longe de garantir a sua tradução automática em termos temporais: os modelos lingüísticos falam de níveis, *strata*, componentes; os modelos psicolingüísticos, desavisadamente, traduzem-nos em termos de períodos, estágios, fases. Eis aí uma estratégia que não funcionou mas que constituiu uma boa razão para a Lingüística ter sido fonte privilegiada de empréstimos durante anos. Hoje, porém, a preocupação com o tempo não se manifesta mais pela recodificação temporal arbitrária de processos espaciais, mas por um reiterado retorno ao tema da gênese, acompanhado de uma versão inteiramente nova do tema do empréstimo, a saber: o recurso a disciplinas que se ocupam mais diretamente dos aspectos temporais do comportamento (V., e.g., Fletcher & Garman (1979), Deutsch (1981)).

Os fornecedores atuais da Psicolingüística são, entre outros, a Epistemologia Genética, a Etologia, a Psicanálise - todos concernidos, em maior ou menor grau, com a questão da temporalidade. A própria investigação da gênese vem agora contribuindo, mais do que nunca, para configurar uma preocupação séria com o tempo: o ponto de partida dos estudos longitudinais não é mais a criança que começa a falar, mas o infante e até mesmo o recém-nascido (V., e.g., Bullock (1979) e Schaffer (1977)). Tudo isso prenuncia o início de um novo momento, em que os temas da gênese e do empréstimo confluirão para dar lugar a um novo e tardio tema: o da consituição temporal da linguagem.

Ver a linguagem como devir certamente não é novidade. Idéias semelhantes já surgiram na Lingüística (Weinreich et al. (1968)), na Psicologia (Riegel (1979)) e na Filosofia (Cassirer (1923)). O que a Psicolingüística pode fazer para que esse novo tema possa auxiliar o seu percurso de auto-constituição é imprimir um cunho próprio à sua investigação. Se ela o conseguirá

é ainda uma incôgnita, uma vez que as suas investidas em torno da nova problemática apenas se iniciaram. Não seria exagero, entretanto, dar-lhe um crédito de confiança nesse sentido, com base no seu amadurecimento nos últimos anos. Afinal, é um sinal de maturidade que as suas relações com a lingüística tenham, recentemente, começado a se inverter: sugestivamente, ao contrário do que acontecia até bem pouco tempo, não são poucos os lingüistas que, hoje, procuram investigar *o que a linguagem é* à luz do que se sabe sobre o seu *como e o seu para quê* ⁸.

NOTAS:

- 1 - Há hoje bastante evidência de que as línguas manuais espontaneamente desenvolvidas em comunidades surdas não só desempenham todas as funções de uma língua natural como também exibem similaridades estruturais importantes com as línguas faladas (V. Siple 1978).
- 2 - Faz-se necessário assinalar o foco no individual, característico da Psicolingüística, em oposição ao foco no coletivo (isto é, no usuário enquanto membro da comunidade), característico da Sociolingüística. Note-se, a propósito, que, no mais, as preocupações das duas disciplinas são muito semelhantes.
- 3 - V., por exemplo, Menyuk (1971).
- 4 - V., por exemplo, Bates (1976).
- 5 - V. Osgood & Sebeok (1965), para um relato dos encontros onde se originou o termo.
- 6 - Uma boa ilustração dessa mudança é a diferença entre as bibliografias da primeira e da segunda edição do manual de Slobin (1973/1979).

7 - Uma defesa estimulante, ainda que programática, da nova abordagem encontra-se em De Lemos (1982). Ver também Lier (1983).

8 - Ver, por exemplo, Givon (1979).

REFERÊNCIAS

- BATES, E. (1976). *Language and context: the acquisition of pragmatics*. New York: Academic Press.
- & B. Mc Whinney (1979) "The functionalist approach to the acquisition of grammar". In Ochs & Schieffelin.
- (1982) "Functionalist approaches to grammar". In Wanner & Gleitman.
- BOWERMAN, M. (1973). *Early syntactic development*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1978) "Semantic and syntactic development: a review of what, when, and how in language acquisition". In Schiefelbusch.
- BROWN, R. (1973). *A first language*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- BRUNER, J. (1975). "The ontogenesis of speech acts". *Journal of Child Language* 2: 1-19.
- (1977) "Early social interaction and language acquisition". In Schaffer.
- BULLOWA, M. (1979). *Before speech*. Cambridge University Press.
- CASSIRER, E. (1972). *La Philosophie des Formes Symboliques*. Paris: Editions de Minuit.
- CHOMSKY, N. (1964, reimpresso do original de 1959). "Review of Skinner's verbal behavior". In: Fodor & Katz.
- (1968). *Language and mind*. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich.
- DE LEMOS, C. (1982). "Sobre a aquisição de Linguagem e seu dilema (pecado) original". *Boletim da ABRALIN* 3: 97 - 126.

- DEUSTCH, W. (1981). *The Child's Construction of Language*. New York: Academic Press.
- FLETCHER, P. & M. GARMAN (1979). *Language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FODOR, J. (1975). *The language of thought*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- & J. Katz (1964) *The Structure of Language*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- FOOTS, R. (1973). "Acquisition and testing of gestural signs for young chimpanzees" *Science* 180: 978-980.
- GARDNER, B. & R. GARDNER (1971). "Two-way communication with an infant chimpanzee". In Schrier & Stollnitz.
- GIVÓN, T. (1979). *Understanding grammar*. New York: Academic Press.
- KÖHLER, W. (1927). *The mentality of apes*. New York: Harcourt.
- LIER, M.F. (1983). "A constituição do interlocutor vocal". Tese de mestrado, PUC-SP.
- MARATSOS, M. (1982). "The Child's construction of grammatical categories". In Wanner & Gleitman.
- MC NEILL, D. (1970). *The acquisition of language*. New York: Harpoer & Row.
- MENYUK, P. (1971). *The acquisition and development of language*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- OCHS, E. & B. SCHIEFFELIN (1979). *Developmental pragmatics*. New York: Academic Press.
- OSGOOD, C. & T. SEBEOK (1965) *Psycholinguistics: a survey of theory and research problems*. Bloomington: Indiana University Press.
- PREMACK, A. & PREMACK (1972) "Teaching language to an ape" *Scientific American* 227: 92-99.
- RIEGEL, K. (1979). *Foundations of dialectical psychology*. New York: Academic Press.
- RUMBAUGH, D. & T. GILL (1976) "The mastery of language-type skills by the chimpanzee" In S. Harnard, H. Steklis & J. Lancaster (orgs). *Origins and evolution of language and speech*. New York: New York Academy of Sciences, 562-78.

- SAPORTA, S. (1961). *Psycholinguistics: a book of readings*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- SCHAFFER, H. (1977). *Studies in mother-infant interaction*. New York: Academic Press.
- SCHIEFELBUSCH, R. (org.) (1978). *Bases of language intervention*. Baltimore: University Park Press.
- SHRIER, A. & F. STOLLNITZ (orgs.) (1971). *Behavior of non-human primates*. New York: Academic Press.
- SHATZ, M. (1981) "Learning the rules of the game: four views of the relationship of grammar acquisition and social interaction". In Deutsch.
- (1982) "On mechanisms of language acquisition: can features of the communicative environment account for development?" In Wanner & Gleitman.
- SIPLE, P. (1978) *Understanding language through sign language research*. New York: Academic Press.
- SLOBIN, D. (1973). *Psycholinguistics*. Glenview: Scott, Foreman & Company, 1a. edição 1973/2a. edição 1979.
- VAN LAWICK-GOODALL, J. (1971). *In the shadow of man*. Boston: Houghton Mifflin.
- WANNER, E. & L. GLEITMAN (1982). *Language acquisition the state of the art*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WEINREICH, U., W. LABOV & M. HERZOG (1968) "Empirical foundations for a theory of language change". In W. Lehmann & Y. Malkiel *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press.
- WEXLER, K. (1982). "A principle theory of language acquisition". In Wanner & Gleitman.
- WOLFE, J. (1936) "Effectiveness of token rewards for chimpanzees". *Comparative Psychology Monographs*, 12(5).